

Identidade social

Um conceito chave ou uma panaceia universal?*

Maria Benedicta Monteiro**

Maria Luisa Lima***

Jorge Vala****

Resumo: O conceito de identidade social tem, nos últimos anos, sido progressivamente mais utilizado na descrição e explicação do comportamento social. No contexto da psicologia social, este conceito é apresentado por Henri Tajfel na teoria das relações intergrupos, como a causa dos comportamentos de discriminação entre grupos sociais, mas esta relação não se tem conseguido demonstrar empiricamente. Neste artigo, a par da apresentação de uma nova metodologia de avaliação da identidade social, pretendeu-se verificar a existência da relação proposta na teoria, utilizando os estereótipos que os estudantes de OGE do ISCTE têm acerca do seu próprio grupo e do grupo dos estudantes de Sociologia. Os resultados mostram que: 1) o estereótipo do seu grupo é mais positivo do que o do outro grupo; 2) o estereótipo do seu grupo contém as características a que atribuem maior valor, deixando preferencialmente para os estudantes de Sociologia as características que menos valorizam; 3) a identidade social elevada extrema deste padrão de discriminação. Este contributo para a confirmação da hipótese de Tajfel é discutido no contexto da sua teoria sobre a identidade social e as relações intergrupos.

Ao ensaiar uma síntese sobre o estado da investigação no domínio das relações intergrupais, Turner afirmava, recentemente, em resposta a uma crítica de Rabbie¹ à teoria da Identidade Social: "Não é difícil encontrar variáveis que afectem o comportamento intergrupais - o que é difícil (e penso que a teoria da Identidade Social conseguiu precisamente fazer), é produzir uma explicação simples e heurística para esses efeitos"².

* Comunicação apresentada no II Encontro Luso-Espanhol de Psicologia Social, Escorial, Espanha, 17-21 de Setembro de 1989.

** Docente do ISCTE, investigadora no CIES.

*** Docente do ISCTE, investigadora no CIES.

**** Investigador do ICS, docente do ISCTE.

Turner referia-se aqui ao próprio *constructo*, que a teoria da Identidade Social apresenta como ponto de partida e de chegada dos comportamentos de favoritismo grupal no contexto de relações entre grupos: a identidade social. De facto, de acordo com esta teoria, os indivíduos que, em dado momento, se percebem como membros de um grupo, sendo essa pertença importante no contexto da relação com outro grupo, serão levados a favorecer os membros do seu grupo, a fim de manter ou reforçar a sua identidade social.

No âmbito deste modelo teórico multiplicaram-se, nas últimas duas décadas, os estudos, quer utilizando o paradigma dos grupos mínimos³, caracterizado pela categorização "mínima" dos sujeitos e pela ausência de qualquer conflito entre os grupos, quer utilizando desenhos com categorizações realistas e conflitos implícitos ou explícitos que opõem os grupos. Esses estudos têm confirmado sistematicamente o efeito básico da categorização sobre o comportamento de favoritismo grupal, continuando, entretanto, a exploração das variáveis que o modulam: a assimetria de estatuto dos grupos⁴, a saliência de categorizações cruzadas⁵, a percepção da existência de conflito⁶, a história do conflito⁷, o grau de interdependência percebida entre os grupos⁸, a homogeneidade intragrupal⁹, etc. Uma questão mais central subsiste, no entanto, justificando a acesa discussão a que assistimos entre Turner e Rabbie *et al.*¹⁰, e que reside na impossibilidade, até ao presente, de demonstrar a articulação causal que a teoria da Identidade Social afirma existir entre a manutenção ou reforço dessa identidade e o comportamento de favoritismo grupal.

A investigação efectuada neste capítulo, nomeadamente pela equipa da Universidade de Kent, U.K.¹¹, mostra, concretamente, o seguinte: a percepção da intensidade do conflito, e não a identidade social dos indivíduos em relação à pertença grupal em estudo, é determinante do comportamento de favoritismo grupal, o que confirma a pertinência do modelo dos "conflitos realistas" de Sherif¹². Nos dois estudos de Brown *et al.* a que nos referimos¹³, os autores utilizaram uma medida de "identificação grupal" composta por 10 *items* e trataram-na como variável independente, a par com a percepção de conflito, em relação ao favoritismo grupal em 6 grupos profissionais de uma empresa. A identificação com o grupo não revelou qualquer capacidade para explicar aquele comportamento. Também noutros estudos, como os de Brown e Williams¹⁴ e o de Oaker e Brown¹⁵, ambos realizados em contexto organizacional, a equipa de Kent não conseguiu senão apurar covariações atípicas, ou mesmo negativas, entre a identidade social dos membros dos grupos e o comportamento sistemático do favoritismo grupal.

Num estudo por nós efectuado numa empresa pública de serviços, utilizando dois grupos profissionais em conflito¹⁶, idêntico fenómeno se verificou: o estatuto dos grupos e a história do conflito, mas não a identificação grupal dos seus membros, foram explicativos das estratégias de favoritismo grupal.

Ainda mais recentemente, Spears e Manstead, da Universidade de Manchester, U.K.¹⁷, ao estudarem em duas universidades inglesas a importância do contexto social na construção de auto e heteroestereótipos grupais e no com-

portamento de diferenciação grupal, trataram os dados da identificação com o grupo por covariação com os dados da diferenciação, e não encontraram qualquer relação sistemática entre ambos.

Em resumo, não se encontra na investigação empírica neste domínio qualquer confirmação da suposta ligação entre a identidade social dos indivíduos (em relação a determinada pertença grupal relevante) e as suas estratégias ou enveczamentos de favoritismo grupal. Este insucesso remete para uma lacuna mais grave no quadro da investigação: a reduzida elaboração do *constructo* de identidade social, a insuficiência de clareza e de rigor na sua operacionalização. Rabbie *et al.*¹⁸, por exemplo, critica a confusão, nos trabalhos da equipa de Kent, entre o conceito de identidade social e o de identificação grupal - bem como a ausência de articulação teórica entre as noções de identidade pessoal e de identidade social, levando certos autores a utilizarem medidas de auto-estima e a tirar conclusões como se da identidade social se tratasse¹⁹.

O estudo que aqui se apresenta tem, assim, os seguintes objectivos: 1) ensaiar a utilização de uma nova medida da identidade social, mais consentânea com a definição do conceito proposto pelos seus autores²⁰; 2) verificar a existência da relação causal prevista pela teoria de Identidade Social entre a identidade social e a distintividade grupal no contexto da relação entre dois grupos sociais; 3) clarificar a utilização estratégica que os indivíduos, enquanto membros de um grupo, fazem dos estereótipos em relação ao seu e ao outro grupo, a fim de garantir a diferenciação grupal e a manutenção da sua identidade social.

Esta última questão insere-se na problemática presente, nomeadamente, nos trabalhos de Mummenday e Schreiber²¹, por um lado, e de Skevington²² e van Knippenberg e van Oers²³, por outro. Enquanto os últimos verificaram a utilização de dimensões consensualmente favoráveis ao seu grupo como instrumento de diferenciação grupal positiva, os primeiros acrescentaram à verificação deste fenómeno o da simultânea utilização de dois níveis de dimensões de comparação: as de menor importância para favorecer o outro grupo, e as de maior importância para favorecer o seu próprio grupo.

Tendo como pano de fundo esta problemática tentamos, neste estudo, verificar se a identidade social dos sujeitos, enquanto percepção e avaliação positiva da sua pertença ao grupo, está na base da estratégia de distintividade grupal, tal como ela se deverá manifestar na utilização selectiva e estratificada de auto e hetero estereótipos sociais relevantes.

Método

Sujeitos: foi aplicado colectivamente um questionário a 103 alunos do 2º ano do curso de Organização e Gestão de Empresas do ISCTE. O conflito inter-

grupal utilizado neste estudo foi o conflito que opõe, há vários anos, os alunos dos dois principais cursos do Instituto: o curso de Sociologia e o de Organização e Gestão de Empresas a que pertencem os nossos sujeitos. A rivalidade entre estes dois grupos torna-se explícita sempre que existe a competição por recursos comuns, como é o caso das eleições para os órgãos associativos dos estudantes.

Procedimento: o questionário incluía operacionalizações de diferentes conceitos importantes no âmbito da teoria das relações intergrupais. No entanto, e por uma questão de limitações de tempo, referiremos apenas as variáveis consideradas neste estudo.

1. *Identidade Social*: nível de percepção e avaliação da pertença a sete grupos, entre os quais se encontrava o grupo dos estudantes de Gestão do ISCTE. A identidade social era medida através de uma escala de quatro pontos (1 = não pertença a esse grupo, 4 = pertença a esse grupo e isso é muitíssimo importante para mim).

2. *Caracterização do seu grupo e do grupo dos outros*: numa fase anterior deste estudo, procedeu-se ao levantamento dos atributos considerados mais importantes para a caracterização de cada um dos grupos. Com base nesse levantamento, seleccionaram-se os 14 adjectivos mais utilizados pelos dois grupos para a auto e hetero-descrição²⁴. Pedia-se aos sujeitos para pensarem nos estudantes do seu grupo em geral e que, utilizando os adjectivos propostos, os descrevessem, numa escala que variava entre 1 (nada característico) a 5 (muitíssimo característico) - *auto-descrição*. Em seguida, utilizava-se o mesmo procedimento para a descrição do outro grupo, o dos alunos de Sociologia do ISCTE - *hetero-descrição*.

3. *Caracterização do ideal de pessoa*: os sujeitos utilizavam ainda os mesmos 14 adjectivos para caracterizarem o seu ideal de pessoa. Essa caracterização era feita em duas escalas: numa primeira escala os estudantes indicavam até que ponto a característica servia para descrever o seu ideal de pessoa (*descrição do ideal*), na segunda escala diziam qual a importância da característica na descrição do ideal de pessoa (*importância para o ideal*).

4. *Discriminação intergrupar*: foram construídas matrizes semelhantes às utilizadas por Tajfel *et al.*²⁵ que eram apresentadas aos sujeitos como representando as médias finais dos dois grupos aqui considerados. Pedia-se aos sujeitos que escolhessem uma opção das matrizes se tivessem o poder de decidir a média final de cada um dos grupos. As matrizes utilizadas, permitiam medir a utilização da estratégia de Máxima Diferença (MD) *versus* Máximo para o grupo (MIP) + Máximo Comum (MJP) e a estratégia de MJP *versus* MIP + MD. (ver figura 1)

Ex. da matriz que opõe MD a MIP+MJP						
Estudantes	Gestão	13	14	15	16	17
Estudantes	Sociologia	11	13	15	17	19
Ex. da matriz que opõe MJP a MIP+MD						
Estudantes	Gestão	13	14	15	16	17
Estudantes	Sociologia	19	17	15	13	11

Figura 1

As matrizes foram cotadas e foi criado, de acordo com Amâncio²⁶, um índice de diferenciação intergrupar (média das estratégias de diferenciação - MD em MIP + MJP e MIP + MD em MJP) e um índice de indiferenciação intergrupar (média das estratégias de não diferenciação - MJP em MIP + MD e MIP + MJP em MD).

Resultados

De acordo com os objectivos deste estudo, a análise dos dados realizar-se-á em três fases:

1. caracterização da identidade social; 2. avaliação do favoritismo intergrupar através das dimensões avaliativas e impacto da identidade social sobre as estratégias de distintividade grupar; 3. avaliação do favoritismo intergrupar através de estratégias comportamentais, e impacto da identidade social sobre os comportamentos de diferenciação intergrupar.

1. Identidade Social

As respostas dos alunos às questões relativas à identidade social mostram que o grupo de Gestão (O.G.E.) é o grupo a cuja pertença dão maior importância, como se pode ver na figura 2. Este facto realça a importância para os sujeitos da relação intergrupar que iremos analisar.

No gráfico seguinte (Figura 3) podemos ver em maior detalhe a resposta dos sujeitos relativa à identidade com o grupo de OGE. Podemos ver que 82.6% dos alunos afirmam que a pertença a este grupo é importante ou muito importante para si. Apenas 17.5% dos alunos afirma não atribuir importância à sua pertença a este grupo.

Para posteriores análises, utilizámos a resposta a esta pergunta para construir dois grupos contrastados: um grupo com uma identidade social baixa com o grupo de OGE (os sujeitos que não atribuem importância à sua pertença) e

um grupo com uma identidade social elevada com o grupo de OGE (os que afirmaram que a pertença a este grupo é muitíssimo importante para si, N = 25).

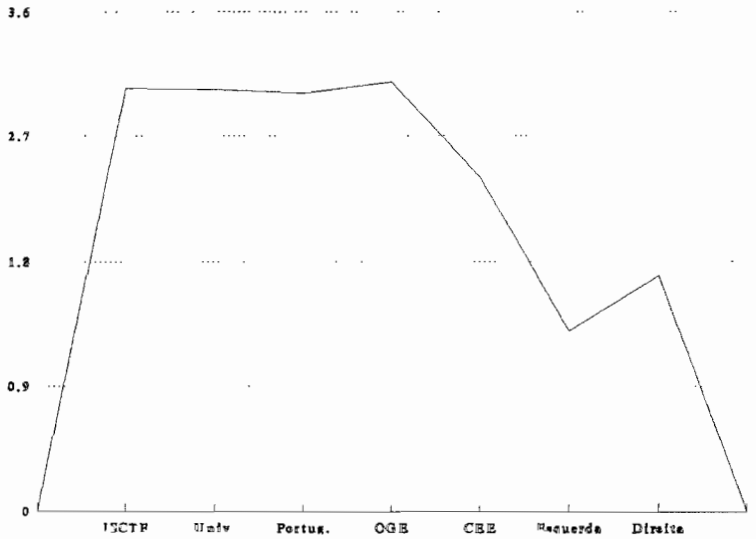


Fig. 2. Importância de pertença aos grupos sociais

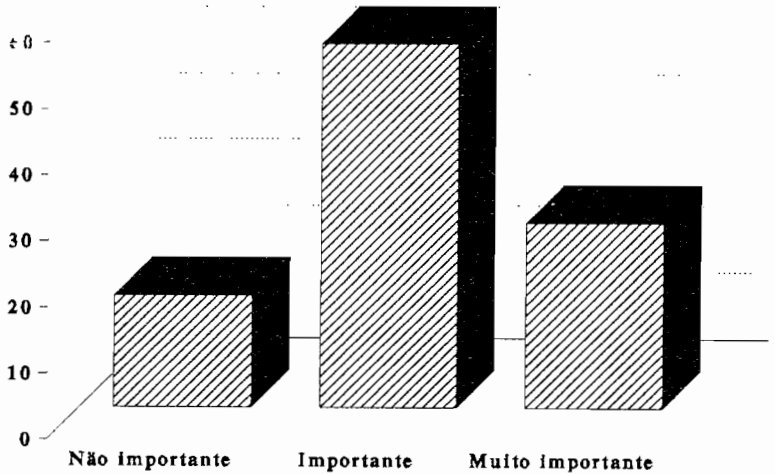


Figura 3 Identidade Social com OGE (Frequência nas categorias de resposta)

2. Favoritismo grupal nas dimensões avaliativas e impacto da identidade social sobre esse favoritismo.

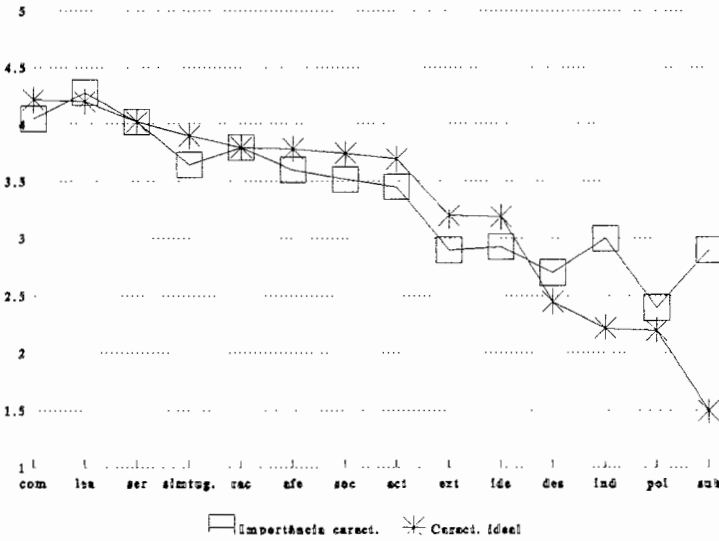


Figura 4 Descrição do ideal (características e sua importância)

A descrição da pessoa ideal foi utilizada como indicador da positividade da diferenciação intergrupal. As duas medidas da caracterização do ideal (ver figura 4) - a descrição do ideal e a importância das características para o ideal - apresentam uma correlação muitíssimo elevada, $r = .88$, pelo que optámos por utilizar apenas a primeira destas duas medidas.

Na figura 5, apresentamos o perfil das auto e hetero-descrições, relacionando-as com a descrição da pessoa ideal nessas mesmas dimensões.

Realizámos testes de diferenças de média entre as auto e as hetero-descrições para cada um dos 14 atributos. Na figura 5, estão apenas representados os 9 atributos em que os sujeitos diferenciam significativamente os dois grupos ($p.001$).

Podemos ver que os atributos que os estudantes consideram mais característicos do seu grupo do que do grupo de Sociologia são também os que aparecem como mais importantes na descrição da pessoa ideal. Veêm-se como mais competentes ($t = 8.30$ $gl = 99$ $p.001$) (10), como mais simpáticos ($t = 7.41$ $gl = 99$ $p.001$) (40), como mais racionais ($t = 9.25$ $gl = 99$ $p.001$) (50), como mais sociáveis ($t = 5.29$ $gl = 99$ $p.001$) (70) e como mais activos ($t = 9.24$ $gl = 99$ $p.001$) (80) do que os estudantes de sociologia.

Por outro lado, os atributos percebidos como mais característicos dos estudantes de Sociologia do que dos de OGE são aqueles que têm uma menor importância na descrição da pessoa ideal. Deste modo, consideram os membros do seu grupo menos idealistas ($t = -7.71$ $gl = 99$ $p.001$) (100), menos

despreocupados ($t = -3.43$ $gl = 99$ $p.001$) (110), menos politizados ($t = -4.16$ $gl = 99$ $p.001$) (130) e menos submissos ($t = -4.40$ $gl = 99$ $p.001$) (140) do que os estudantes de Sociologia.

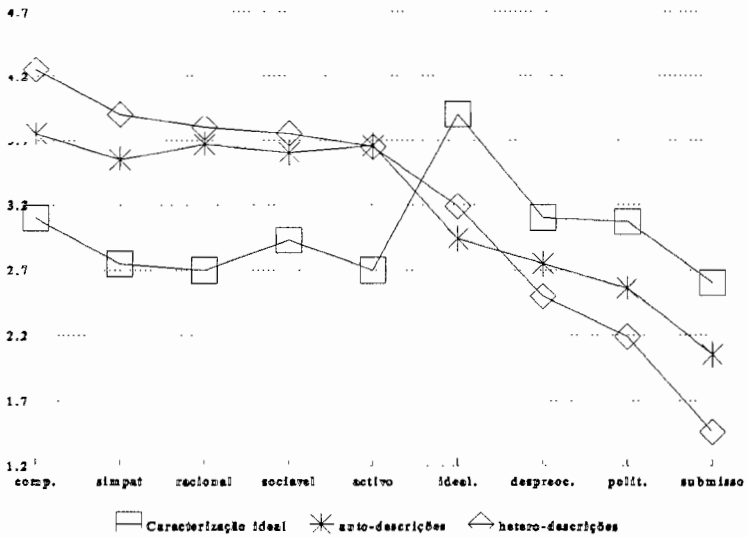


figura 5 Auto e Hetero Descrições (diferenças significativas para $p < .05$)

Estes resultados mostram ainda que o grupo próprio é visto como mais próximo do ideal do que o grupo dos outros.

Procurámos em seguida analisar o impacto da identidade social na diferenciação intergrupar realizada através destas dimensões de comparação. Para tal utilizámos apenas uma parte da amostra, os sujeitos com uma identidade social mais elevada e os que apresentam uma identidade social mais baixa. Foram efectuados testes de diferença de médias entre as diferenças entre as auto e hetero-descrições para cada um dos 14 atributos. Verificámos que a identidade social tem o efeito de extremar os resultados que encontramos anteriormente: os indivíduos com uma identidade social mais elevada acentuam a diferenciação entre os dois grupos nas dimensões extremas (ver figura 6).

Estes sujeitos consideram os indivíduos do seu grupo mais competentes do que os de sociologia (utilizando assim a característica mais importante da descrição da pessoa ideal) ($t = 2.03$ $gl = 43$ $p.05$) e também consideram os estudantes de sociologia mais submissos do que os de OGE (utilizando assim a característica menos importante da descrição do ideal de pessoa) ($T = -2.42$ $gl = 41$ $p.02$)

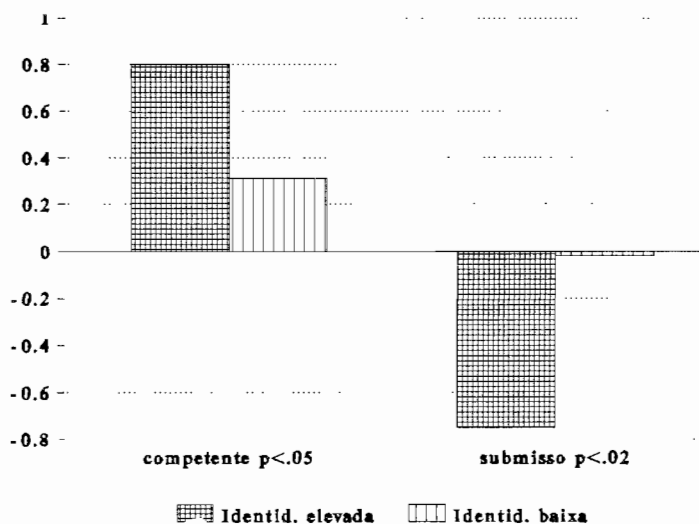


Figura 6 Identidade e Diferenciação (diferença entre a auto e a hetero-descrição)

3. Favoritismo grupal nas estratégias de comportamento e impacto da identidade social sobre essas estratégias.

De acordo com as respostas às matrizes pudémos observar que os estudantes utilizaram estratégias de diferenciação intergrupar, em detrimento de estratégias de indiferenciação, como podemos ver na figura 7 ($t = 5.03$ gl

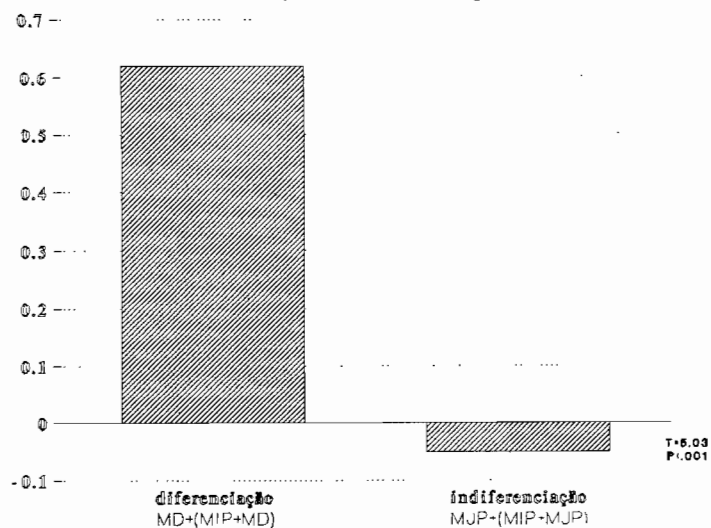


Figura 7 Estratégias comportamentais (total da amostra)

Este resultado indica que, também através desta metodologia, é patente o favoritismo pelo seu grupo.



Figura 8 Identidade e Diferenciação (estratégias comportamentais)

No entanto (figura 8), o impacto da identidade nas estratégias de diferenciação não é tão claro como nas dimensões avaliativas. Assim, vemos que os indivíduos com uma identidade social mais forte tendem a diferenciar-se mais do grupo de Sociologia do que os que têm uma identidade social mais baixa ($t = -1.83$ gl = 40 $p.07$).

Discussão e conclusões

A procura da relação entre a identidade social dos membros de um grupo e as suas estratégias de distintividade grupal foi, neste estudo, tratada a dois níveis de resposta: os auto e hetero estereótipos e a atribuição de classificações académicas. Em relação às primeiras, uma precaução especial foi tomada: a de apresentar aos sujeitos os 14 atributos estereotípicos mais salientes, quer consensuais quer não consensuais, obtidos num estudo prévio através de questões abertas. Seguimos, neste capítulo, o caminho já explorado por outros²⁷ e tentámos ultrapassar uma das críticas da equipa de Kent: (nos nossos estudos)... "não tivemos maneira de saber se tínhamos utilizado dimensões apropriadas à comparação entre os grupos, o que é importante à luz da teoria..."²⁸.

A medida da identidade social dos estudantes de Gestão teve, na sua operacionalização, duas características orientadas para uma maior aproximação do conceito, tal como ele é definido no âmbito da teoria: 1) os sujeitos dispunham de um leque de grupos de pertença em relação aos quais se deviam posicionar, devendo para isso recorrer implicitamente a um processo de comparação entre eles; 2) o posicionamento dos sujeitos em relação a cada um desses sete grupos continha, explicitamente, uma componente de avaliação dessa pertença. O facto de os sujeitos terem avaliado a sua pertença ao grupo dos estudantes de Gestão como a mais importante de todas as pertenças disponíveis, permite-nos afirmar que a área da identidade social escolhida para o estudo foi, no respectivo contexto, a mais pertinente para os sujeitos. De facto, na sua revisão sobre os estudos da identidade social, os investigadores da Universidade de Kent afirmam que "apesar de intensas pesquisas prévias, não conseguimos ter a certeza de que tínhamos escolhido os grupos de pertença mais relevantes para os indivíduos naquele contexto"²⁹.

Esta análise da operacionalização das medidas e da sua forma de tratamento, nomeadamente no que diz respeito ao *constructo* da identidade social, aparece como introdução às conclusões na medida em que os argumentos de carácter metodológico têm constituído o principal argumento e justificação para a ausência de confirmação da relação supostamente existente entre a identidade social e os comportamentos de distintividade grupal.

Tendo, pois, em conta a instrumentação utilizada, podemos verificar o seguinte: 1) a identidade social dos sujeitos é um dos factores explicativos da estratégia de distintividade grupal que consiste em favorecer o seu grupo na dimensão idealmente mais importante - a competência - e favorecer o grupo dos estudantes de Sociologia na dimensão idealmente menos importante (na realidade nada importante) - a submissão. Ao contrário do que pretendem Mummenday e Schreiber³⁰, pensamos que este último "favoritismo" esconde, sob a capa de uma pseudo magnanimidade, uma óbvia atitude discriminatória em relação aos estudantes de Sociologia, e funciona assim ao serviço da distintividade positiva dos estudantes de Gestão. 2) A relação encontrada entre a identidade social dos sujeitos e estas duas estratégias complementares de diferenciação/discriminação ao serviço da distintividade grupal, sugere a eficácia operacional das nossas opções metodológicas e abre novas perspectivas à investigação neste domínio.

Finalmente, o outro nível de respostas utilizado para apurar as estratégias de distintividade grupal e a sua dependência da identidade social dos sujeitos - a atribuição de classificações académicas aos membros dos dois grupos confirma a clara estratégia de diferenciação positiva dos estudantes de Gestão em relação aos estudantes de Sociologia. A identidade dos estudantes de Gestão enquanto tais não é, senão tendencialmente (p.07), responsável por essa estratégia.

No seu conjunto, esta análise crítica dos resultados sugere-nos as seguintes reflexões:

1) a progressiva clarificação do *constructo* de Identidade Social e da sua articulação com os restantes *constructos* nucleares da teoria da Identidade Social, parece indispensável à redefinição das orientações da investigação neste domínio; essa clarificação poderá vir a pôr em foco a importância de outros factores, como sugere Condor e col.³¹, a par com a identidade social, na explicação das estratégias de distintividade grupal;

2) O estudo da relação entre a identidade social e as estratégias de distintividade grupal do outro grupo (os estudantes de sociologia) deverá, no prolongamento deste trabalho, contribuir para verificar a persistência dos fenómenos agora encontrados e ajudar ao seu melhor entendimento.

3) Se a clarificação teórica se mostra essencial, como atrás referimos, pensamos que não é demais insistir sobre a importância dos procedimentos de operacionalização, a fim de garantir a mais perfeita correspondência possível entre o nível de abstração dos *constructos* e o nível concreto dos dados.

4) No entanto, se em futuras investigações, não for possível clarificar a posição teórica, metodológica e empírica do conceito de identidade social, e se se mantiver o seu estatuto de "abstração simples e parcimoniosa" como refere Turner³², deveremos encarar a necessidade de desistirmos de o utilizar como panacea, de modo a dar lugar a novos (quem sabe velhos?) modelos teóricos.

Notas

1 Cf. Robbie 1989

2 Cf. Turner, 1988.

3 Cf. Tajfel, *et al.* 1971

4 Cf. Giles e Pweland, 1975. Brown, 1978; Skevington, 1981; Von Knippenberg e Von Oers, 1984; Vala, Monteiro e Lima, 1986; Sachdev e Boerhis, 1987.

5 Cf. Deschanjs e Doise, 1978; Brown e Turner, 1979.

6 Cf. Brown, *et al.* 1987.

7 Cf. Monteiro, Vala e Lima, 1987.

8 Cf. Robbie *et al.*, 1989.

9 Cf. Simon e Brown, 1987.

10 Cf. Turner, 1988 e Robbie, *et al.*, 1989.

11 Cf. Condor, *et al.*, 1987.

12 Cf. Sherif, 1966.

13 Cf. Brown, *et al.*, 1983 e Brown, *et al.*, 1986.

14 Cf. Williams, 1984.

15 Cf. Oaker e Brown, 1986.

16 Cf. Monteiro, Vala e Lima, 1987.

17 Cf. Speacs e Manstead, 1989.

18 Cf. Robbie, *et al.*, 1989.

19 Cf. Oaker e Turner, 1980.

20 Referimo-nos a Tajfel e Turner, 1979.

21 Cf. Mumendag e Schreiber, 1983; *idem.* 1984.

22 Cf. Skeorungton, 1981.

23 Von Knippenberg e Von Oers, 1984.

24 Os adjectivos seleccionados foram: competente, leal, sério, simpático, racional, afectivo, sociável, activo, extrovertido, idealista, despreocupado, individualista, politizado e submisso.

- 25 Cf. Tajfel, 1971.
 26 Cf. Amâncio, 1989.
 27 Referimo-nos a Mumenday e Schreiber, 1984.
 28 Condor. *et al.*, 1987, p. 308.
 29 *Ibidem*.
 30 Cf. Mumenday e Schreiber, 1984.
 31 Cf. Condor. *et al.*, 1987.
 32 Cf. Turner, 1988.

Referências bibliográficas

- AMÂNCIO, Lígia. - "Social differentiation between "dominated" and "dominant" groups: Toward an integration of social stereotypes and social identity". *E.J.S.P.*, 19(1), 1989, pp. 1-10.
- BROWN, R.J. - "Divided we fall: an analysis of relations between sections of a factory workforce". In: H. Tajfel (Ed.) *Differentiation between social groups*. London, Academic Press, 1978.
- BROWN, R.J. e WILLIAMS, J.A. - "Group identification: The same thing to all people?" *Human Relations*, 37, 1984, pp. 447-564.
- BROWN, R.J., CONDOR, S., Mathews, A., WADE, G. e WILLIAMS, J. - Explaining intergroup differentiation in an industrial setting. *J. of Occupational Psychology*, 59, 1986, 273-286.
- BROWN, R.J. e WADE, G.S. - "Superordinate goals and intergroup behaviour: the effects of role ambiguity and status on intergroup attitudes and task-performance". *E.J.S.P.*, 17, 1987, pp. 131-142.
- BROWN, R.J., WADE, G., MATHEWS, A., CONDOR, S. e WILLIAMS, J. - "Group identification and intergroup differentiation" (artigo não publicado), 1983.
- BROWN, R.J. e TURNER, J.C. - "The criss-cross categorization effect in intergroup behaviour". in: Turner e H. Giles (Eds.) *Intergroup Behaviour*. Oxford, Blackwell, 1979.
- CONDOR, S., BROWN, R.J. e WILLIAMS, J. - "Social identification and intergroup behaviour" *The Quarterly J. of Social Affairs*, 3(4), 1987, pp. 299-317.
- DESCHAMPS, J.C. e DOISE, W. - "Crosses category membership in intergroup relations". In: H. Tajfel (Ed.) *Differentiation between social groups*. London, Academic Press, 1978.
- GILES, H. e POWESLAND, P.F. - *Speech style and social evaluation*. London, Academic Press, 1975.
- MONTEIRO, M.B., VALA, J. e LIMA, L. - *Intergroup conflict in organizational contexts: in search of the lost equity*. Comunicação apresentada no General Meeting da A.E.P.S., Varna, Bulgária, 1987.
- MUMMENDAY, A. e SCHREIBER, H.J. - "Better or just different? Positive social identity by discrimination against or by differentiation from outgroup". *E.J.S.P.*, 13, pp. 389-397, 1983.
- MUMMENDAY, A. e SCHREIBER, H.J. - "Different just means better: some obvious and some hidden pathways to intergroup favouritism". *British J. of S. Psychology*, 23, 1984, pp. 363-368.
- OAKER, G. e BROWN, R.J. - "Intergroup relations in an hospital setting: a further test of social identity theory". *Human Relations*, 39, 1986, pp. 767-778.
- OAKES, P.J. e TURNER, J.C. - "Social categorization and intergroup behaviour: does minimal intergroup discrimination make social identity more positive?". *E.J.S.P.*, 10, 1980, pp. 295-302.
- RABBIE, J.M., SCHIOT, J.C. e VISSER, L. - "Social identity theory: a conceptual and empirical critique from the perspective of a behavioural interaction model". *E.J.S.P.*, 19,3, 1989, pp. 171-202.
- SACHIDEV I. e BOURHIS, R.W. - "Minimal majorities and minorities". *E.J.S.P.*, 14, 1987, pp. 35-52.
- SHERIF, M. - *Group conflict and cooperation*. London: Rutledge and K. Paul, 1966.
- SKEVINGTON, S. - "Intergroup relations and nursing". *E.J.S.P.*, 11, 1981, pp. 43-59.
- SIMON, B. e BROWN, R.J. - "Perceived intragroup homogeneity in minority-majority contexts". *E.J.S.P.*, 53, 1987, pp. 703-711.

- SPEARS, R. e MANSTEAD, A.S.R. - "The social context of stereotyping and differentiation". *E.J.S.P.*, 19, 1989, pp. 101-122.
- TAJFEL, H., FLAMENT, C., BILLIG, M.G., BUNDY, R.P. - "Social categorization and intergroup behaviour". *E.J.S.P.* 1, 1971, pp. 149-178.
- TAJFEL, H. e TURNER, J.C. - "An integrative theory of social conflict". In: W. Austin e S. Worchel (Eds.) *The Social Psychology of Intergroup Relations*. Chicago, Nelson Hall, 1979.
- TURNER, J.C. - "Comments on Doise's individual and social identities in intergroup relations". *E.J.S.P.*, 18, 1988, pp. 113-116.
- VALA, J., MONTEIRO, M.B. e LIMA, L. - "Intergroup conflicts in an organizational context: how to survive the failure". In: G. Stephenson, J.C. Jesuino, D. Canter e L. Szcza (Eds.) *Environmental and social Psychology*. La Haye: M. Nijhoff, 1986.
- VAN KNIPPENBERG, A. e VAN OERS, H. - "Social identity and equity concerns in intergroup perceptions". *British J. of S. Psychology*, 23, 1984, pp. 301-310.